

AS VOLTAS DA MEMÓRIA EM *QUASE MEMÓRIA*, *QUASE ROMANCE*, DE CARLOS HEITOR CONY

Lueldo Teixeira Bezerra¹
Lanna Caroline Silva de Almeida²

RESUMO

Este estudo analisa as voltas da memória em *Quase memória, quase romance*, de Carlos Heitor Cony, de modo a compreender as performances da memória ao longo da narrativa. Nesse sentido, faz-se necessário pensar sobre o seguinte questionamento: como a memória é articulada ao longo da narrativa no referido romance? Para compreender as formas da memória dentro do romance de Cony, levantou-se uma análise da significação da memória enquanto narrativa do passado, e a contribuição das reminiscências para a construção da narrativa. Logo, é por esse apontamento que foram consideradas as contribuições teóricas de Halbwachs (2006), Ricoeur (2007) e outros estudiosos que discutem sobre a temática proposta neste estudo. O relato memorialístico do romance demonstra uma carga semântica que chama a atenção do leitor, uma vez que os aspectos apresentados na narrativa elucidam as voltas que a memória faz, o que desenvolve a história.

Palavras-chave: Memória. Carlos Heitor Cony. *Quase Memória*.

THE TURNS OF MEMORY INTO ALMOST MEMORY, ALMOST ROMANCE, BY CARLOS HEITOR CONY

ABSTRACT

This study analyzes the turns of memory in *Almost memory, almost romance*, by Carlos Heitor Cony, in order to understand the performances of memory throughout the narrative. In this sense, it is necessary to think about the following question: how is memory articulated throughout the narrative of *Almost memory, almost romance*, by Carlos Heitor Cony? To understand the forms of memory within Cony's novel, an analysis was made of the significance of memory as a narrative of the past, and the contribution of reminiscences to the construction of the narrative. Therefore, it is for this note that the theoretical contributions of Halbwachs (2006), Ricoeur (2007) and other scholars who discuss the theme proposed in this study were considered. The novel's memorialistic account demonstrates a semantic load that draws the reader's attention, since the aspects presented in the narrative elucidate the turns that memory takes, which develops the story.

Keywords: Memory. Carlos Heitor Cony. *Almost Memory*.

LAS CONVERSIONES DE LA MEMORIA EN CASI MEMORIA, CASI ROMANCE, POR CARLOS HEITOR CONY

RESUMEN

Este estudio analiza los giros de la memoria en *Casi memoria, casi romance*, de Carlos Heitor Cony, con el fin de comprender los desempeños de la memoria a lo largo de la narración. En este sentido, es necesario pensar en la siguiente pregunta: ¿cómo se articula la memoria a lo largo de la narrativa de *Casi memoria, casi romance*, de Carlos Heitor Cony? Para comprender las formas de la memoria dentro de la novela de Cony, se analizó el significado de la memoria como narrativa del pasado y la contribución de las reminiscencias a la construcción de la narrativa. Por lo tanto, es para esta nota que se consideraron las contriciones teóricas de Halbwachs (2006), Ricoeur (2007) y otros estudiosos que discuten el tema propuesto en este estudio. El relato memorialístico de la novela demuestra una carga semántica que llama la atención del lector, ya que los aspectos presentados en la narración dilucidan los giros que toma la memoria, que desarrolla la historia.

Palabras clave: Memoria. Carlos Heitor Cony. *Casi Memoria*.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, professor no Centro Universitário Maurício de Nassau Aliança. E-mail: lueldot@gmail.com.

² Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Professora na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: lannaliter@hotmail.com.

Introdução

Para Sarlo (2017), imaginar uma distância entre um eu escondido e um personagem constitui um terreno movediço e leva o público leitor, por vezes, a questionar-se sobre o que é verdade e o que é ficção, dentro de uma obra literária, mesmo que não seja essa uma preocupação para os estudos literários.

Pensar sobre o processo de rememoração na criação do texto ficcional é trazer à tona questionamentos sobre a tênue distinção entre realidade e ficção. *Os atos de fingir* é que vão levar a rememoração para o campo literário. Sendo assim, o real está condicionado ao filtro do imaginário, uma vez que lembrar consiste numa recriação do que de fato aconteceu, para constituir-se como imagens simbólicas do imaginário a partir do sujeito cognoscente.

É sob esse prisma que o presente estudo traz como objeto o livro *Quase memória, quase romance*, de Carlos Heitor Cony, publicada em 1995. No romance, o próprio autor, que também é personagem da trama, inicia os capítulos com um *flashback* para contextualizar cada história que será narrada ao longo a obra. O livro é caracterizado por uma biografia ficcional, mas que de fato é classificada como romance, contudo, Cony, autor do livro, o denomina como um quase romance.

Em *Quase memória, quase romance*, apresenta-se uma narrativa constituída partir de um narrador-personagem³, sendo ele responsável por apresentar as memórias da vida de seu pai. A narrativa é formada por uma dualidade que desponta romance e memória, sendo ambas questões do campo literário.

O próprio autor, Carlos Heitor Cony, apresenta-o como um “quase romance” (1995, p. 7), uma vez que, “além da linguagem, os personagens reais e irreais se misturam, improvavelmente e, para piorar, alguns deles com os próprios nomes do registro civil. Uns e outros são fictícios” (1995, p. 7). Assim, logo no início da narrativa, o leitor já é preparado para o que o aguarda nas páginas ficcionais de Cony.

O leitor é convidado a embarcar nas voltas das memórias que narram as peripécias do pai do autor, Ernesto Cony Filho, o qual assume o papel de um dos personagens do livro. O romance de Carlos Heitor Cony é uma mistura de autobiografia, ora em biografia, memória e romance fantástico.

³ Neste estudo, ao se referir ao narrador do romance, será utilizado a classificação narrador-personagem para se referir à personagem Cony, o que desfaz o desvio de compreensão entre autor e personagem na narrativa ora em análise.

Ao pensar sobre os relatos memorialísticos que constituem a obra aqui estudada, este artigo parte do seguinte questionamento: como a memória é articulada ao longo da narrativa de *Quase memória, quase romance*, de Carlos Heitor Cony? Assim, este estudo busca analisar as voltas da memória na obra de Cony, de modo a compreender as performances que a questão da memória assume ao longo da narrativa

Para a realização deste estudo, fez-se, primeiramente, um levantamento acerca da memória e o processo de rememoração, levando-se em conta que a memória é a continuidade temporal da própria pessoa. Para tanto, buscou-se compreensões nas teorias de Halbwachs (2006), Ricoeur (2007), acerca da memória, dentre outros autores que discutem sobre a temática proposta no presente artigo.

O relato memorialístico do romance demonstra uma carga semântica que chama a atenção do leitor logo no título da obra. O termo quase traz condição que conota um meio-termo entre os fatos reais e ficcionais. Tendo em vista os aspectos apresentados ao longo do romance aqui estudado, cada episódio elucida as voltas que a memória faz dentro da narrativa, o que contribui para o desenvolvimento da história, pois quase todos os capítulos partem de um *flashback* utilizado para resgatar memórias, por meio de um efeito sinestésico a partir do embrulho que recebera de seu pai.

As idas e vindas do enredo

Quase memória, quase romance é composto por vinte e cinco capítulos, sendo uma história memorialística narrada em primeira pessoa, não seguindo a sequência dos acontecimentos dos fatos. O narrador, ao assumir o papel também de personagem, descreve detalhadamente os fatos e personagens que se apresentam ora reais, ora fictícios. A trama gira em torno de um embrulho que o pai de Cony endereçou ao seu filho, objeto que evoca memórias nostálgicas fazendo com que o narrador-personagem fique entre o passado e o presente durante toda a narrativa.

O *corpus* desta pesquisa traz em sua estrutura textual características de uma biografia ficcional. No entanto, a obra classifica-se como um romance, e será analisada na perspectiva ficcional. Contudo, Carlos Heitor Cony a classifica como um “quase romance”, como se pode observar na passagem a seguir, declarada pelo próprio autor do livro:

Ao terminar meu nono romance (Pilatos), há mais de vinte anos, prometi a mim mesmo que, acontecesse o que acontecesse, aquele seria o último. Nada mais teria a dizer — se é que cheguei a dizer alguma coisa. Daí a repugnância em considerar este Quase Memória como romance. Falta-lhe, entre outras

AS VOLTAS DA MEMÓRIA EM *QUASE MEMÓRIA*, *QUASE ROMANCE*, DE CARLOS HEITOR CONY

coisas, a linguagem. Ela oscila, desgovernada, entre a crônica, a reportagem e, até mesmo, a ficção. Prefiro classificá-lo como “quase-romance” — que de fato o é (CONY, 1995, p. 3).

Cony intitula o prefácio do seu livro “teoria geral do quase”. O autor já havia decidido que não escreveria mais romances, após a publicação de *Pilatos*, publicado em 1974, tendo sua 6ª edição apresentada ao público leitor em 2009. No prefácio, o autor utiliza o termo “quase” tanto para caracteriza o substantivo “memória quanto para caracterizar o substantivo “romance”. A expressão “quase memória” deve-se ao fato de que a narrativa faz uso das lembranças do autor, que as ficcionaliza para dar luz à história. Já na expressão “quase romance”, o autor retoma ao fato de que a linguagem empregada na trama remete o texto para os gêneros crônica e reportagem, tendo a ficção como plano maior, no que diz respeito à construção do texto.

A narrativa tem como ponto de partida a chegada de um embrulho destinado a Cony. O pacote, por meio de um efeito sinestésico, faz com que o narrador-personagem, Cony, mergulhe em suas lembranças aguçadas pela letra, técnica de fazer o nó no barbante e o aroma de alfazema, aspectos que fazem com que o destinatário logo identifique o emissor daquele enigmático embrulho, seu pai, que já havia falecido há dez anos.

É a partir do recebimento do embrulho que Cony começa a narrar acontecimentos que demonstram sua relação com o seu pai, Ernesto Cony Filho. Com uma técnica de narrar as histórias a partir de suas memórias, percebe-se que Cony evoca suas memórias que remetem a passagens que evocam seu pai, fazendo uma transmutação da realidade para a ficção. O próprio narrador assim aponta no prefácio do seu livro:

Além da linguagem, os personagens reais e irreais se misturam, provavelmente, e, para piorar, alguns deles com os próprios nomes do registro civil. Uns e outros são fictícios. Repetindo o anti-herói da história, não existem coincidências, logo, as semelhanças, por serem coincidências, também não existem. No quase-quase de um quase-romance de uma quase-memória, adoto um dos lemas do personagem central deste livro, embora às avessas: amanhã não farei mais essas coisas (CONY, 1995, p. 3).

Percebe-se que a realidade e a ficção se entrelaçam remontando as lembranças de Cony, dando vida à ficção que surge como um testemunho daquilo que o narrador-personagem já havia vivenciado e que de alguma forma marcou o seu passado. As lembranças de Cony têm uma forte ligação com o embrulho que havia recebido, o que deixa o personagem perplexo diante do recebido. Desde a entrega do embrulho, suas lembranças começam a ser ativadas, as mostrando para o leitor aventuras que beiram ao pictórico.

A narrativa é apresentada pelo narrador em primeira pessoa. Cony, enquanto narrador-personagem, faz uso de fatos vividos em parceria com seu pai. Cony apresenta esses fatos ficcionalizados sob a influência da visão que o filho tinha a respeito do pai. O que pode intrigar o leitor é que todas as lembranças do autor que tecem a narrativa são desfiadas mediante o embrulho lacrado. Em momento algum, Cony abriu o embrulho para analisar o conteúdo do que estava ali dentro.

Em *Quase memória, quase romance*, há uma representação subjetiva que denuncia as nuances que delimitam a constituição tanto da memória individual quanto da memória coletiva. Cony, na posição de narrador, descreve inúmeros acontecimentos da década de 1920. Tais fatos resultam das reminiscências de Cony, na posição de autor.

Tudo começa no dia 28 de novembro de 1995, quando o narrador personagem estava almoçando com sua secretária e alguns amigos no restaurante do Hotel Novo Mundo, localizado no Flamengo, Rio de Janeiro. Abordado pelo porteiro do hotel, o qual lhe entregou um embrulho, Cony logo percebeu seu nome no pacote. O pensamento logo surgiu: o escrito só podia ter sido redigido pelo pai do narrador-personagem, pois somente seu pai escrevia o nome do destinatário daquela maneira. As dobras feitas no papel, o nó dado no barbante de maneira ordinária era de autoria de seu pai, pois só ele conseguiria tal feito. Tudo identificava o pai do narrador-personagem.

Dez anos após a morte de seu pai, o embrulho chega para Cony. A partir de então, inicia-se assim as reminiscências nostálgicas do passado do narrador-personagem. As memórias involuntárias coloream a narrativa como uma avalanche de recordações que constituem o enredo do livro que aqui é estudado, acrescentando ainda às reminiscências um toque de fantasia, o que dá um ar literário para a história.

Cada episódio elucida as voltas que a memória faz dentro da narrativa, o que contribui para o desenvolvimento da história, pois quase todos os capítulos partem de um *flashback* que o narrador faz uso para resgatar memórias, por meio de um efeito sinestésico a partir do embrulho que recebera de seu pai.

A questão da memória no texto ficcional

Segundo a concepção de Rossi (2007, p. 16), ao considerar a tradição aristotélica, entende-se que a memória é algo inerente ao mundo fenomenológico sendo denominado como “psicofisiologia”. Tanto a memória como a imaginação condizem à mesma parte da alma, sendo

AS VOLTAS DA MEMÓRIA EM *QUASE MEMÓRIA*, *QUASE ROMANCE*, DE CARLOS HEITOR CONY

o ato de lembrar a atividade em que se recupera um dado conhecimento e sensações, sendo eles condizente a algo já experimentados.

Para a tradição platônica, a memória é compreendida como algo ligada à doutrina misteriosófica da reencarnação: “[...] a anamnese platônica [...] não deriva dos sentidos: é um reconhecimento de essências, de coisas inteligíveis e universais. Todo o conhecimento é uma forma de lembrança e a anamnese atua num nível que não é o da empiria e da psicologia” (p. 16).

Dentre os vários sentidos de memória, Rossi destaca:

- “a memória parece referir-se a uma persistência, a uma realidade de alguma forma intacta e contínua” (ROSSI, 2007, p. 15);
- um voltar a lembrar, que requer um esforço da mente buscando conteúdo da alma (ROSSI, 2007, p. 16);
- rememoração que se dá por fixação do que antes se viu, ouviu e experimentou; em suma, uma espécie de pesquisa (ROSSI, 2007, p. 16).

Para o autor, a memória é compreendida como um ato de lembrar, o qual envolve a capacidade de recuperar experiências que, com o passar do tempo, tornou-se esquecido. Rossi (2007) demonstra uma tendência aristotélica ao construir uma definição para questão da memória, uma vez que os sentidos são de suma importância no ato de rememoração daquilo que um dia foi experienciado.

Cony, no ato da criação de seu romance, entra em contato com sua própria identidade por meio de suas lembranças e de seus pensamentos sobre atos passados, porquanto é a memória que oferece e sustenta a noção de causa e efeito, tendo, por conseguinte, a construção da personalidade do personagem.

No processo de rememoração, o escritor, que também é narrador-personagem da narrativa, produz a construção de sua própria identidade, visto que se trata de uma fragmentação da realidade a partir de suas reminiscências. É por meio desse processo de rememoração que evoca os fatos que são mencionados em detrimento de outros que permanecem no esquecimento. É durante a “fase representativa”, segundo Ricoeur (2007), correspondente à criação literária, tida como a ação da escrita, que ressurgem as imagens da memória e conseqüentemente o esquecimento.

Por sua vez, Lima (2006, p. 265) discorre que:

[...] memória e/ou autobiografia e ficção. Embora seja essa uma prática comum entre romancistas contemporâneos, não deixa de ser uma dificuldade para o crítico de orientação teórica: como será possível combinar duas modalidades discursivas de formatos tão diversos? Em que medida a ficção

pode se meter na biografia de uma pessoa cuja vida não é segredo? Em termos abstratos só uma resposta parece cabível: desde que a ficção, sem se diluir a si mesma, respeite o percurso biográfico.

Lima (2006) afirma que, quando o autor narra a sua vida no texto ficcional, a obra passa a representar alguns momentos que reverbera uma face interna, uma vez que o texto ficcional assume a figura de um espelho posto em frente do seu criador. Por conseguinte, o narrador transpõe a função de narrar a história, assumindo ele, também, o papel de personagem. A trama que paira entre o real e a ficcional parte de lembranças vagas, sendo elas imprecisas por parte do narrador, tem sua classificação complexa no âmbito do campo literário. Assim, o texto ficcional que apresenta tais características pode ser classificado como um dos seguintes gêneros: romance, autobiografia, biografia ou um híbrido de ficção e referencialidade.

Para Bergson (1999), memória origina-se a partir da relação advinda da tríade *lembrança pura – lembrança imagem – percepção*. Para o referido autor, o ato de lembrar é consequência das imagens que estão latentes no inconsciente do sujeito, as quais são despertadas a partir de intuições que, por sua vez, deliberam imagens, resultando em significados simbólicos de cunho polissêmico, refletindo uma leitura subjetiva daquilo que aconteceu.

Seguindo a concepção de Bergson (1999) acerca da memória, tem-se a lembrança pura como algo inatingível. A lembrança imagem, por sua vez, está relacionada intimamente com a percepção, gerando assim um exercício de recriação e interpretação, sendo esses contínuos e simbólicos. Sobre isso, o referido autor afirma:

Distinguimos três termos, a lembrança pura, a lembrança – imagem e a percepção, dos quais nenhum se produz, na realidade, isoladamente. A percepção não é jamais um simples contato do espírito com o objeto presente; está inteiramente impregnada das lembranças-imagens que a completam, interpretando-a. A lembrança- imagem, por sua vez, participa da “lembrança pura” que ela começa a materializar e da percepção na qual tende a se encarnar: considerada desse último ponto de vista, ela poderia ser definida como uma percepção nascente (Bergson, 1999, p. 155).

Bergson aponta que o exercício da memória não condiz com um exercício voluntário, nem tampouco objetivo. Bergson afirma que prática de rememoração é seletiva, uma vez que “o papel do corpo não é armazenar as lembranças, mas simplesmente escolher” (Bergson, 1999, p. 210). Contudo, essa escolha envolve fantasia e invenção, pois a experiência vivida se distancia daquilo que a consciência nos oferece. Trata-se de uma “experiência individual e não mais comum, porque temos sempre muitas lembranças diferentes, capazes de se ajustarem igualmente a uma mesma situação atual” (Bergson, 1999, p. 210).

AS VOLTAS DA MEMÓRIA EM *QUASE MEMÓRIA*, *QUASE ROMANCE*, DE CARLOS HEITOR CONY

Portanto, a memória é compreendida como um reflexo da realidade, embora essa realidade seja inatingível, resultado de um exercício mental. A memória, enquanto faculdade mental é revestida de imagens já vistas que se encontram em estado latente, que quando despertadas, ressurgem ressignificadas com toques de subjetividades, o que gera novos símbolos mentais que refletiram novos sentidos quando verbalizados no texto. É o que acontece na criação literária, sobretudo na obra aqui estudada – *Quase memória, quase romance* – de Carlos Heitor Cony.

174

A questão da memória em *Quase memória, quase romance*, de Carlos Alberto Cony

Segundo Halbwachs (2006), as memórias individuais se constituem a partir de “quadros” estabelecidos pelo meio social, o que o autor chama de “quadros sociais da memória”. Esses quadros têm por fim pontos de referência, uma espécie de imagem simbólica, para a construção subjetiva de lembranças, o que constitui o processo de rememoração das memórias. No romance de Cony, todas as memórias que foram narradas trazem em seu discurso alguma ideia de coletividade. Por mais que sejam memórias particulares, interpretadas a partir de um ponto de vista pessoal, percebe-se que há um sentido ou até mesmo a representação de uma coletividade, seja no tempo, espaço ou até mesmo na própria lembrança, como se pode observar no trecho a seguir retirado da obra:

Foi aí por volta de 1955, quando o pai teve a isquemia cerebral que o tirou de circulação por uns meses. Ele já estava em fim de carreira. Apesar de redator, preferia continuar com a sua credencial no gabinete do prefeito, função geralmente ocupada por repórter de setor, posto inicial da profissão. O jornal, por essa época, começava o seu período de modernização, e as relações da imprensa com o poder, no corpo-a-corpo com o noticiário miúdo dos expedientes burocráticos, haviam se alterado (Cony, 1995, p. 29).

Observa-se que, na passagem citada acima, Cony, na posição de personagem principal, traz à tona memórias que representam fatos com um discurso social. Trata-se de lembranças particulares, mas que envolvem outras pessoas além dele mesmo. O espaço também traz uma ideia de coletividade. Nele, consegue-se compreender a representação do “outro” em consonância com o “eu” que narra que os fatos.

Na concepção de Halbwachs (2006), a memória também pode ser perceptível a partir da reconstrução do passado tendo como base dados do presente. Em outras palavras, ocorre uma ativação das lembranças, em alguns momentos de forma sumária, a partir de conduções por parte de elementos que rodeiam o sujeito, como consta na passagem a seguir:

Olhando agora em cima da minha mesa, e lembrando o pacote igual que ele levou de seu armário na Sala de Imprensa, cheguei a pensar na hipótese que, à primeira vista, me parece provável. Ele sempre ameaçava contar a história da candidatura do governador mineiro, os porres do Barão, a picaretagem do Paulo Campos, a esqualidez dos jornais naquele tempo (Cony, 1995, p. 49).

O jogo entre presente e passado surge a partir do momento que o personagem contempla o embrulho em cima de sua mesa no escritório. O envelope, que representa o tempo presente, leva o personagem ao passado por meio de suas memórias. Assim, as visões construídas sobre o passado também revelam sobre o momento presente. As visões sobre o passado são incompletas, parciais e passíveis de permutações inconscientes. As significações das memórias podem variar de acordo com a posição que ocupamos num determinado grupo. Quando um indivíduo participa de vários grupos sociais, suas memórias são construídas de modo fragmentário, como um mosaico.

Cony, no capítulo 2, ao narrar sobre o seu comportamento diante do embrulho que recebera de seu pai, expõe:

Sobre a minha mesa de trabalho, o embrulho-envelope parece cheirar mais e melhor. Eu nem preciso aproximar o rosto: sinto-lhe o cheiro de alfazema. Mas logo desconfio que, continuando a contemplá-lo, começo a sentir dentro do cheiro maior outros cheiros menores que identifico como dele [...]. Um cheiro vivo, mas distante, da brilhantina que ele usava, um potezinho pequeno e redondo com bonito rótulo dourado. Não esqueci o cheiro, mas não lembro o nome, era francês, talvez Origan, de Gally, qualquer coisa parecida (Cony, 1995, p. 7).

Observa-se que o narrador aciona elucida suas lembranças aguçadas pelo aroma da alfazema que seu pai usava. Em uma percepção mais estreita, Cony detecta outros aromas em intensidades distintas. O narrador consegue lembrar de um dos produtos, remetido por um dos aromas, que seu pai utilizava. Nota-se ainda que Cony lembra do produto, mas não lembra o nome. Lembrava da marca, mas não lembrava do nome.

Durante o processo de rememoração, algumas informações se perdem, uma vez que a memória não se apresenta de forma seletiva. Halbwachs (2006) afirma que a lembrança é tomada como um processo de reconhecimento e reconstrução. O reconhecimento acontece, quando há o sentimento do já visto. Já a reconstrução toma-se como tal, pois não é uma mera repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas sim de um resgate de tais eventos que são acionados em um contexto pertencente a um quadro de preocupações e interesses atuais. Trata-se de algo diferenciado, uma vez que é realizado um recorte temporal, espacial e social, como se pode observar na passagem a seguir:

Associando os cheiros à lembrança de sua mania de perfeição nas pequeninas coisas que precisava fazer — e sobretudo naquelas que não precisava fazer —,

AS VOLTAS DA MEMÓRIA EM *QUASE MEMÓRIA*, *QUASE ROMANCE*, DE CARLOS HEITOR CONY

lembrei-me da noite em que chegou lá em casa trazendo uma porção de caixas com vidros de diferentes tamanhos, formatos e intenções, garrafas estranhíssimas [...]. O pai conhecia um sujeito em Niterói que sabia fabricar perfumes, trabalhara [...] justamente na filial da Coty. Como o pai revelara que era parente afastado [...] dos Coty de Saint-Malo, foi considerado capaz de penetrar no extraordinário universo do fabrico de perfumes (Cony, 1995, p. 13).

Cony, em suas lembranças, faz um recorte das memórias para narrar quando seu pai decidiu criar fragrâncias de perfumes. Nota-se que o narrador-personagem fez um recorte temporal ao apontar que o fato narrado aconteceu em uma noite. Cony aponta também o espaço onde o fato aconteceu, referindo-se a sua casa, e aponta ainda a questão social, ao apontar que o pai foi considerado apto para atuar no “extraordinário universo do fabrico de perfumes” (CONY, 1995, p. 13). Assim, aponta-se o tempo, o espaço e o social que Halbwachs (2006) apontou para a ativação das lembranças.

Ele as apresenta ao leitor a partir de um ponto de vista que engrandece a imagem de seu pai, o que o leva a vê-lo como um herói, como se pode observar na passagem que segue:

Eu estava habituado a esbarrar com o pai nos mais estranhos e inesperados lugares [...]. O pai surgiu entre dois túmulos com um pacote de caramelos, eu era louco por eles [...] na sacristia da catedral quando lá ia eu buscar o turíbulo para as missas cantadas: ele saía das sombras de velhos armários com um sanduíche, a gordura do presunto manchando o papel impermeável dos botequins que ele conhecia [...]. Eu apreciava sanduíches dos botequins, era esganado por eles, tal como o pai [...] Ele mesmo levantava minha sobrepeliz imaculadamente branca e metia o sanduíche no vasto bolso da batina [...]. (Cony, 1995, p. 11).

Percebe-se que a maneira que Cony descreve as aparições de seu pai nas cenas leva o leitor a encará-lo como um herói que está sempre a proteger seu filho. Ao rememorar as ações do pai, o autor faz uso de um enaltecido para apresentar a figura paterna em sua narrativa, o que torna perceptível a relação estreita entre pai e filho.

Cony, ao mergulhar em suas memórias, tece a sua trama a partir da sua experiência subjetiva que narra a sua aproximação com seu pai. Para que as memórias sejam ficcionalizadas, o escritor faz uso da verossimilhança que demonstra uma relação proximal entre realidade e ficção, que por sua vez, delinea o jogo mimético possível a partir do processo de rememoração, pano de fundo que sustenta a trama.

O discurso de memória traz em si a questão de uma ficcionalidade, uma vez que o processo de rememoração consiste na recuperação de um original, que se toma por ficção ao ser alterado pela narrativa a cada tentativa de resgatá-lo, emergindo, de tal modo, em um jogo interativo e ininterrupto entre verdade e verossimilhança. Para Scarpelli (1994, p. 47)

Somente a partir do momento em que o objeto visado pela memória se torna objeto de uma narrativa é que ele ganha existência e permanência. Isso sem contar que a intervenção da experiência, os efeitos da elaboração formal, as deformações operadas pela ação corrosiva da memória e do seu par inseparável, o esquecimento, alteram o vivido, dando-lhe uma textura ficcional.

No romance de Cony, pode-se observar que o objeto que evoca vários lapsos de memória, ao se tornar objeto da narrativa memorialística, ganha existência dentro de um contexto ficcional, como mostra o trecho a seguir:

Devo ter em algum canto o postal que o pai mandou de Piracicaba. Assim como guardei em algum canto os envelopes destinados à Fazenda São Joaquim d'Arc, com sua bonita letra em tinta roxa e com os borrões inevitáveis. Esse postal talvez esteja naquela pasta que ele me deixou como herança, quando sentiu que o fim estava próximo. Era uma pasta encardida, que ele já não usava havia muito tempo. Nela, eu metia coisas que me fariam lembrar dele, provavelmente lá estariam os envelopes da fazenda e esse postal de Piracicaba. Quando voltar para casa, a primeira coisa que farei será procurar a pasta (Cony, 1995, p. 62).

O cartão postal recebido por Cony de seu pai passa a ter um novo significado carregado de subjetividade, fruto de suas memórias que constituem um discurso sobre o objeto lembrado. A forma como o personagem descreve o cartão-postal traz uma carga sentimental que leva o leitor a perceber o ar saudoso que o personagem constrói. A saudade do pai é incitada a partir dos objetos que remetem a Ernesto Cony.

O processo de rememoração ressignifica o sentido de suas lembranças no presente, uma vez que elas são interpretadas em outro contexto. Quanto aos personagens ficcionalizados, Luiz Costa Lima (2006), em seu estudo sobre a persona, delineia que o autor, até mesmo imerso em um texto memorialista, assume o papel de um sujeito ficcional.

Carlos Heitor Cony quis desmitificar, pelo menos em parte, essa relação proximal ao afirmar que: "uns e outros são fictícios" (Cony, 1995, p. 3). Assim, o autor guia o leitor para uma maneira diferente de interpretar sua ficção, o que o leva a romper com a forma tradicional de entender a ficção e a realidade, pois há de ser considerado como se dá o discurso, uma vez que se trata de um texto memorialístico. Assim sendo, surge então a oscilação que o autor faz entre ficção e realidade, o que passa a ser uma orientação de leitura, uma vez que a história não sobrevive sem as peripécias do indivíduo comum, nem tampouco este consegue se distanciar dos fatos históricos, visto que ambos só existem porque eles coexistem.

Considerações finais

AS VOLTAS DA MEMÓRIA EM *QUASE MEMÓRIA*, *QUASE ROMANCE*, DE CARLOS HEITOR CONY

Certamente é possível estabelecer o caminho que Cony percorreu ao tecer a trama de *Quase memória, quase romance*. Por uma estrada repleta de lembranças que narram sua convivência com seu pai, o leitor logo percebe, por meio de uma linguagem carregada de saudosas memórias, que o autor faz um entre realidade e ficção que pode comprometer o leitor, se este não estiver atento às armadilhas do texto.

O relato memorialístico do romance demonstra uma carga semântica que chama a atenção do leitor logo no título da obra. O termo quase traz condição que conota um meio-termo entre os fatos reais e ficcionais. Ao ler a obra, pôde-se perceber dados que certamente remetem a uma realidade de Ernesto Cony e Carlos Heitor Cony, no entanto, há também, na mesma obra, dados suficientemente anedóticos ou líricos que despontam o trato ficcional a partir da linguagem.

Tendo em vista os aspectos apresentados ao longo do romance aqui estudado, observa-se constantemente o modo como os capítulos são apresentados na obra. Cada episódio elucida as voltas que a memória faz dentro da narrativa, o que contribui para o desenvolvimento da história, pois quase todos os capítulos partem de um *flashback* que o narrador faz uso para resgatar memórias, por meio de um efeito sinestésico a partir do embrulho que recebera de seu pai.

Cony, ao mergulhar em suas memórias, tesse a sua trama a partir da sua experiência subjetiva que narra a sua aproximação com seu pai. Para que as memórias sejam ficcionalizadas, o escritor faz uso da verossimilhança que demonstra uma relação proximal entre realidade e ficção, que por sua vez, delinea o jogo mimético possível a partir do processo de rememoração, pano de fundo que sustenta a trama.

Portanto, o autor atingiu o objetivo de realizar sua proposta, bem como o domínio das técnicas narrativas, uma vez que o romance de Cony possui um grande valor para o público leitor, bem como para a crítica. Faz-se, portanto, necessário que o leitor em seu exercício perceba as veredas propostas pelo autor, pelas quais foi induzido, de modo a buscar a saída do labirinto narrativo, pois, só assim, conseguirá demonstrar a competência indispensável para o usufruto do prazer da leitura do texto memorialístico *Quase memória, quase romance*.

Não se propôs aqui com este estudo empreender alguma inovação no que concerne às relações entre memória e ficção. Esse não foi o propósito. O intento foi compreender o romance *Quase memória, quase romance*, de Carlos Heitor Cony, sob esse prisma teórico, com objetivo de analisar as voltas da memória no romance a partir das reminiscências memorialísticas do personagem principal. Além disso, tentou-se contribuir, de alguma forma para o estudo da obra de Carlos Heitor Cony, ainda insuficientemente trabalhada dentro da academia.

Referências

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CONY, Carlos Heitor. **Quase memória: quase romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

LIMA, L. C. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROSSI, P. **O passado, a memória, o esquecimento**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: UNESP, 2007.

SARLO, Beatriz. Encerrar el yo en una lata. **El País**, Madrid, 27 ago. 2017. Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2017/08/28/babelia/1503928864_171902.html>. Acesso em: 17 jan. 2022.

SCARPELLI, Marli Fantini. **Trilhas Partidas, Engenho Novo: estudo da memória em Dom Casmurro de Machado de Assis**. 1994. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – PósGraduação em Letras – FALE/UFMG, Belo Horizonte.